

## CURRAL DOS FLAGELADOS: DISCIPLINAMENTO E ISOLAMENTO NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO NA OBRA “O QUINZE”.

Dalila Arruda Azevedo<sup>1</sup>

Carlos Augusto Pereira dos Santos<sup>2</sup>

Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA

**RESUMO:** O propósito deste trabalho é estudar o campo de concentração na obra “O Quinze” de Raquel de Queiroz, suas relações de poder e a forma com que os flagelados da seca encaravam suas realidades, a disciplina incutida neles, bem como o esforço da sociedade em isolá-los. Mas, principalmente, estudá-lo como agente disciplinador e isolador do retirante pela sociedade. Porém, não o analisando somente sob a perspectiva desta sociedade, mas, acima de tudo, sob o olhar do próprio retirante.

**Palavras-Chave:** Seca, Campo de Concentração, Disciplinamento, Isolamento.

**ABSTRACT:** The purpose of this study is the concentration camp in the book “O Quinze” of the Rachel de Queiroz, their power relationships, the way the victims of drafts face their reality, the discipline instilled in them and the society's effort in isolate them. But mostly, studying it as a disciplinary agent and insulation of the peasant society. However, analyzing not only from the perspective of society, but, above all, under the gaze of the migrant himself.

**Key words:** Drought, Concentration Camp, Discipline, Isolation.

### INTRODUÇÃO

O nordestino até hoje é estereotipado pelo fenômeno da seca que ainda assola a região, provocando mazelas muitas vezes irreversíveis na população. As condições precárias impelem o homem do campo a partir em retirada à procura de sobrevivência, migrando para outras regiões, nas construções de obras públicas ou nos “campos de concentração” de antigamente. E muitas vezes é nesse ínterim, entre a partida e o destino, que o sertanejo se depara com as mais difíceis condições de sobrevivência e, às vezes, até com a tão temida morte.

Os objetos centrais deste trabalho serão as figuras de Chico Bento e sua família, representadas através do panorama da seca, do homem que busca, por meio da migração, melhores condições de vida.

A obra “O Quinze” retrata justamente esse cenário, onde uma família vendo-se, por causa da seca, impedida de continuar nas terras que lhe são oferecidas para o cuidado, parte em retirada com destino ao norte do país. Porém, a realidade com que se depara é bem pior do que poderia imaginar, fazendo com que só consiga chegar à capital do Ceará, levando os integrantes dessa família a comporem mais alguns números

---

1 Professora da Rede Estadual de Ensino. Pós-graduanda em Metodologias do Ensino de História pela Universidade Estadual do Ceará. Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Sobral-CE.

2 Professor do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú –UVA. Sobral-CE.

do campo de concentração em Fortaleza, oferecido pelo governo para afastar da sociedade aquela parcela indesejada da população.

Faz-se presente também a necessidade de enfatizar as diversas experiências vivenciadas pelos integrantes dessa família no caminho, quando se dirigiam à capital do estado, no intuito de conseguir passagens com destino ao norte do país.

No espaço de tempo entre a fazenda em que vivia e a capital, Chico Bento perdeu três de seus filhos; Josias, em virtude do mesmo sentir fome e por causa disso ingerir mandioca braba; o filho mais velho, tendo fugido, não sabendo com precisão para onde e Duquinha, o mais novo, que foi adotado pela madrinha para que não chegasse a morrer de fome.

O campo de concentração de fato, seria a alternativa mais viável para essa família, pois lá, tinha a promessa de alimentos, remédios, roupas e até um teto para morar. Onde mais em período de estiagem teria um sertanejo tantos benefícios?

Porém, quando adentram o ambiente do campo percebem a tamanha disparidade entre a propaganda do governo e da sociedade em geral e a realidade existente naquele lugar. O ambiente era fétido, a comida tinha na sua composição grande parte de farinha e um grande número de indivíduos não tinha onde se abrigar, apelando para a sombra dos pés de cajueiro que estavam espalhados por lá.

É esse campo de concentração que este texto se propõe a trabalhar; as relações de poder que se estabelecem sobre o sertanejo, as formas de disciplinamento que o mesmo sofrerá, as maneiras de ele resistir ao ambiente e, principalmente, o esforço da sociedade em isolá-lo. Buscaremos analisar todos esses fatores com base no clássico de Raquel de Queiroz, “O Quinze”, fazendo um paralelo do campo de concentração citado nessa obra com a dissertação de mestrado da professora Quênia Rios; *Campos de Concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932*.

## **I – A DEVOÇÃO A SÃO JOSÉ**

A crença do nordestino em São José, padroeiro do estado, se dá pela necessidade de chuva que o sertanejo cearense possui para plantar e criar os animais. O dia do santo é considerado pelo povo, o marco decisório entre um inverno bom ou ruim.

Nascido em uma região fortemente envolta por uma crença popular, fato que é expresso através das promessas, da devoção aos santos, realização de procissões e missas, os agricultores do Ceará aproveitam o dia de São José para pedir que o santo mande chuva, o pedido dos fiéis normalmente é concedido, eles acreditam que havendo chuva no dia 19 de março é sinal de uma quadra invernososa pelo menos regular e que ainda pode colher algo.

Em “O Quinze”, a autora inicia a obra fazendo menção a São José que, segundo a tradição é o responsável pelo envio de chuva.

- E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

- Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril. (QUEIROZ:2004, p.11)

A fé em São José provoca no devoto a esperança de dias de fartura, proporcionado por um bom inverno. O fato do homem do campo direcionar sua confiança ao santo indica que a ocasião necessita de um milagre. Porém, algumas vezes, nem mesmo orações são suficientes para impedir a estiagem. O gado começa a sentir diretamente os efeitos da seca. Além do mais, falta feno, sendo necessário que o criador destine determinada quantia de suas reservas à compra de alimento para os animais, o que agrava mais ainda a situação.

O mais interessante é que não é só o homem do campo que estabelece o dia 19 de Março, dia de São José, como data limite para o início de um inverno bom ou ruim no Ceará. O próprio Estado também utiliza a data para demarcar um período de fartura ou escassez.

A credence no santo é passada de pai para filho. Mas a data também tem um significado científico. A ciência explica a frequência de chuvas no período correspondente ao dia de São José, como sendo o espaço de tempo da quadra invernal do Ceará que vai de fevereiro a maio. “A configuração do El Niño entre moderado e forte é o motivo da falta de chuva” (SALES: 2010), que será responsável por uma fase de estiagem. Além do mais, a data cai, normalmente, próximo a um fenômeno chamado equinócio, que provoca mais aquecimento no oceano nessa região e pancadas de chuva.

Mas, e quando não chove até o dia de São José? O que fazer? Normalmente os agricultores deixam suas casas e seguem a procura de sobrevivência em outros lugares, habitualmente mais próximo do poder público, ou seja, nas cidades.

[...] “dia de São José, a seca foi novamente “decretada” no Ceará, com todos os atributos que já conhecemos. O jornal O Povo, de 27 de março de 1942 anunciou que “Fortaleza começa a ser invadida pelos Flagelados da Sêca”, que dificilmente se poderia conter “a avalanche humana que ruma” para “as regiões menos expostas á sêca”.” (NEVES:2000)

Talvez o fato do Estado reservar o dia como data limite para o inverno, se dê por causa da própria realidade do campo, que interferirá a partir daquele dia de forma ativa na dinâmica da cidade, a capital do estado ficará repleta de flagelados transitando pelas ruas, pedindo esmolas, saqueando o comércio, enfim, tirando a paz dos cidadãos.

## **II – EM RETIRADA: É PRECISO LUTAR PELA SOBREVIVÊNCIA.**

Sem esperança de sobreviver, pois se fazia notória a escassez de recursos, o retirante segue a jornada tão comum ao homem do campo em período de seca. Mas antes disso, Chico Bento, que é a representação na obra estudada do homem que sofre com a seca, “teve que soltar o rebanho, liberou um a um do curral, para um vaqueiro, dispensar o gado significava que, a partir daí, estaria sem ocupação. Sem meios de subsistência, só restava arribar, pois não iria comer cinza até cair de morto” (QUEIROZ: 2004, p.25).

Nesse contexto, muitos deles tinham como principal objetivo migrar para os grandes centros, pois lá supostamente estava reservada a eles uma vida melhor, com trabalho e dignidade, contudo, era a mão de obra barata que esses lugares precisavam explorar. Em “O Quinze”, Chico Bento pretende chegar ao Amazonas onde, segundo

ele, “sempre há borracha...” Para isso, contava com o auxílio do governo, que distribuía passagens para os retirantes.

Vimos aí uma das estratégias dos governantes locais para livrarem os flagelados da situação em que viviam, pois, lhes oferecendo passagens, proporcionariam aos mesmos oportunidade de adquirir emprego em outro local, além do mais, se livrariam do estorvo que os retirantes representavam para o restante da sociedade. Porém, essa ajuda não chegava a todos, primeiramente porque o número de retirantes era grande e também por haver pessoas que se aproveitavam da situação para se beneficiar, solicitando uma quantia significativa de passagens alegando ser para a família, quando na verdade as usavam para a venda.

Não faltavam sujeitos que se aproveitassem da situação. No período, algumas comissões de combate a seca no interior do Ceará foram criadas, afim de que não houvesse tanta migração para a capital. Porém, essas não davam conta das necessidades dos flagelados e para agravar a situação, muitas delas eram corruptas, desviando o dinheiro que deveria abastecer o povo no que se refere a alimentação, para o bolso de políticos. Com isto, surgiu a “Indústria da Seca”, mantida por meio da desgraça do homem nordestino e sustentando inúmeros políticos no poder, pois eles “posavam como salvadores da pátria, abasteciam suas urnas eleitorais com o estômago vazio da população”. (NETO: 2007).

Podemos observar até aí a negligência do governo quando não oferece ao homem do campo meios eficazes de permanecer em sua terra apesar da seca. Favorecendo a corrupção, os governantes não se utilizam de meios eficientes para liberar as passagens para a população, beneficiando na maioria das vezes seus afilhados, tendo em vista que, grande parte deles, nessa época, eram coronéis.

Com isso, a realidade do retirante se tornava cada vez pior, principalmente para aqueles que não tinham o benefício de um padrinho, pois seguiam a pé grandes percursos e neles acabavam passando inúmeras necessidades, no que diz respeito à escassez de alimentos, água, entre outras, chegando muitas vezes ao falecimento.

Além dos meios citados acima, o governo oferecia outras formas de auxílio, como as obras públicas empreendidas pelo mesmo, para tirar o flagelado da ociosidade e executar construções com mão de obra barata e os campos de concentração. Nestes, a vida era bastante difícil, já que o trabalho era desproporcional à energia que os pobres homens possuíam, e os salários eram míseros, insuficiente até mesmo para a alimentação.

Neste período, algumas instituições foram criadas, como o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) e o IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas). Contudo, pouco significaram no que diz respeito à solução dos problemas do povo.

Entre os maus frutos, devem-se destacar os esforços improdutivos como as construções de barragens sobre áreas sem bacias irrigáveis como foram os casos das barragens de Curemas, na Paraíba, e do açude do Cedro, no Ceará. A agricultura de irrigação ao final de cinquenta anos de atuação do IFOCS e do DNOCS não gerou mais que 5000 hectares de área irrigada o que, [...] é irrisório.

Estas ações raramente beneficiavam diretamente os pequenos produtores restando a estes fugir em busca de novas alternativas de sobrevivência, e contar com a sorte em busca de um novo emprego que lhes fornecesse no mínimo alimento para a família. (ARAÚJO: 2009, p.11)

Outra forma de auxílio para os retirantes era a caridade pública, que na maioria das vezes não funcionava, pois eram vítimas de muito preconceito, recebendo diversas

designações como: indolentes, vagabundos e até criminosos. De fato, a seca favorecia o banditismo e a indolência, mas na maioria das vezes faltavam oportunidades para o povo.

### III – O CURRAL DOS FLAGELADOS

“[...] os modos pelos quais os retirantes construíram, a partir das suas vivências conflitivas, outras definições para as práticas de confinamento que o Governo chamava de socorro e amparo. Os espaços que as elites apresentavam como “lugares apropriados e até confortáveis para o amparo às vítimas da seca”, eram para os retirantes, o “Curral dos Flage

**Kênia Rios**

### IV - A ESTRUTURA DO CAMPO

Os campos de concentração eram especialmente construídos no intuito de receber os flagelados da seca, que viviam a vagar pelas ruas sobrevivendo de esmolas e saques, aterrorizando, dessa forma, a população urbana. “Os casarões tinham suas calçadas ocupadas por flagelados famintos. Tornava-se cada vez mais difícil ignorar a tragédia da seca.” (RIOS: 2006, p. 27).

Segundo a professora Kênia Rios, não existem indícios de que a experiência dos campos de concentração tenha sido repetida em outros estados. O primeiro campo, de acordo com a autora, surgiu em 1915, instalado no bairro do Alagadiço, em Fortaleza. Estima-se que passaram por lá cerca de oito mil “mulambentos”, como também eram chamado os flagelados. A proposta de criação desses lugares foi repetida, posteriormente na seca de 1932, desta vez não só na capital, mas também em outras quatro cidades.

A iniciativa do governo de construir os campos foi de muita valia para a população da urbe fortalezense, pois não iria mais se incomodar tanto com a presença dos transeuntes, que representavam a personificação da desgraça provocada pela seca e pela ausência de políticas públicas eficientes.

Os saques eram constantes, a polícia era convocada para intervir nessas ações empreendidas pelo flagelados, contudo, as mercadorias saqueadas normalmente eram devolvidas aos saqueadores. Eram “nas mãos dos chefes e dos responsáveis pelos alistamentos que recaía a responsabilidade de negociar com a multidão nas áreas de trabalho, enquanto nas cidades essa era tarefa dos padres, prefeitos e outras autoridades locais.” (NEVES: 2000). Os chefes procuravam acalmar o povo que já não suportava a falta de medidas eficientes e a demora na distribuição de alimentos.

Porém, era necessário ao menos afastar a mendicância da cidade e que meios poderiam ser mais eficientes para removê-los dali que um campo de concentração na periferia? Neles havia toda uma estrutura que favorecia a detenção dos miseráveis, além disso, se lá já não tinham uma vida digna, ainda pior seria se optasse por vagar nas ruas.

Os campos eram envoltos por cercas de arames e muros muito altos, dificultando, com isto, a fuga dos flagelados. As pobres famílias se abrigavam “uns debaixo dum pé de cajueiro” “outros absolutamente ao tempo, apenas com a vaga proteção de uma parede de latas velhas.”(QUEIROZ:2004,p. 63). A autora se refere com a expressão “parede de latas velhas” às barracas de zinco construídas no campo para abrigar as

famílias que lá residiam. Apesar de não serem confortáveis e nem em número suficiente, tendo em vista a grande quantidade de flagelados, elas eram disputadas.

“- Compadre, vou ver se arranjo um ranchinho melhor para vocês. Do lado de lá tem assim uma espécie de barraquinha de zinco, onde morava uma velha doente com uma neta. A velha morreu ainda agora, e uma família tomou a menina. É melhor para vocês [...]”.

“Lá, de fato, era melhor. O chão era limpo e duro, não se tinham de enterrar na areia mole, havia um lugarzinho protegido para acender o fogo, indicado por três pedras pretas e alguns tições apagados.” (QUEIROZ: 2004, p. 96)

Podemos perceber também, com a situação citada acima, a dinâmica existente nos campos. Era bastante corriqueira a morte de pessoas, bem como a chegada de outras diariamente. Não fossem as mortes, os campos eram ainda mais lotados, e a capacidade de sobreviver neles também seria escassa.

As condições de salubridade do campo eram péssimas, a alimentação oferecida era insuficiente à sobrevivência, as carnes de boi que acompanhavam as refeições eram fervidas em latas de querosene. Com isso doenças se proliferavam e muitos acabavam morrendo.

As famílias que adentravam o campo eram normalmente muito numerosas, há registros de famílias que possuíam até dezoito membros.

A autora atribui vida ao campo, quando a mesma se refere à dinâmica existente nele, caracterizando-o como uma das personagens pertencentes à obra. Essa é uma característica própria das obras naturalistas. “Tudo aquilo palpitava de vida, e falava, e zunia em gritos agudos de meninos, e estralejava em gargalhadas e em gemidos, e até em cantigas.” (QUEIROZ :2004, p.93).

Os retirantes, apesar de dependerem daquele local para viverem, são conscientes do descaso que o governo tem para com o lugar e, principalmente, para com as pessoas que lá residem, sentem-se encurralados como os animais dos quais muitos deles tratavam antes do advento da seca. E é por esta razão que muitos atribuem as expressões “Curral do Governo” ou “Curral de Flagelados” àquele lugar.

## **V - ESTRATÉGIAS DE DISCIPLINAMENTO**

O campo de concentração por si só já indica disciplina e isolamento aos que se submeteram a viver nele. Mas, fazendo uma análise mais profunda, veremos que dentro dos campos existia toda uma política que visava cercear a liberdade do retirante. As pessoas não tinham nomes. Eram todas catalogadas e recebiam números para serem identificadas e para que tivessem acesso aos poucos benefícios concedidos no campo.

A seca, que carrega com ela a fome e as necessidades em geral, inclusive de dignidade, leva o homem muitas vezes ao banditismo. E eram esses homens marginalizados e designados criminosos que compunham as estatísticas dos campos. Para estes, era necessário criar todo um sistema que os impedissem de atuar naquele local de forma violenta ou imoral.

A preocupação dos vigias era acima de tudo com a moral e a decência. Para a realização de um projeto assistencial, disciplinador e civilizador, era necessária uma

vigilância redobrada sobre o comportamento sexual dos flagelados. Afinal, a imagem desse tipo de projeto ficaria bastante comprometida se os considerados “atos indecorosos” chegassem a se impor entre os retirantes. (RIOS: 2006, p.58)

Além da preocupação existente com a moral sexual do flagelado, era preciso também conter seus instintos de revolta com a condição em que se encontravam. Afinal, como os próprios flagelados admitiam, eram animais encurralados pelo governo, sob o apoio do restante da sociedade que mais queriam que os tais estivessem à distância das suas convivências.

Nos campos havia soldados responsáveis pela moralidade das pessoas que lá sobreviviam. Esses soldados muitas vezes eram escolhidos dentre os próprios flagelados, sob a condição de serem antes “civilizados”, para só depois passarem a serem “civilizadores”, eram homens premiados com o cargo de soldados, por suas condutas.

Porém, “alguns flagelados escolhidos para o serviço de vigilância superavam as expectativas previstas nos postulados do disciplinamento e acabavam se transformando em problemas para os administradores. Empolgados com o poder que passavam a exercer- ou seja, o poder de vigiar- muitos desses guardas começavam a causar “desordens”, pois tornavam-se demasiadamente agressivos e arbitrários no trato com os concentrados.” (RIOS: 2006, p. 56)

Os soldados auxiliavam no momento da distribuição da ração, nos possíveis conflitos entre os flagelados etc..

Havia, além das formas de disciplinamento já citadas, outra bastante eficiente: o trabalho. Os moradores do campo de concentração, que já possuíam o rótulo de indolentes, não podiam deixar de recuperar parcialmente sua dignidade através do trabalho, afinal, eles estavam adaptados, como homens do campo a labutar, e, nas condições em que se encontravam o trabalho se fazia ainda mais necessário. Primeiro porque o alimento que recebiam no campo era insuficiente para a sobrevivência, ainda mais se tivessem uma família numerosa, além disso, o trabalho naquele momento agia como terapia para esquecer a vida precária que tinham que suportar.

O trabalho também servia para ajudar o governo no processo de disciplinamento dos miseráveis, pois ao passo que trabalhavam, não teriam chance de se rebelarem contra as autoridades, ou mesmo praticarem atos imorais.

As obras públicas entram nesse contexto como alternativas ideais para o governo, primeiro porque se aproveitava da necessidade que tinham os flagelados para usufruir de mão de obra barata e, segundo, porque se caracterizava como uma forma a mais de entreter o povo.

Na obra de Raquel de Queiroz vemos esse cenário através da figura de Chico Bento, que vai à procura de trabalho na construção do açude do Tauape, mas o que recebe lá, mesmo com a ração adquirida no campo, ainda é pouco, sendo necessário doar seu filho mais novo para a madrinha da criança. “[...] Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro...”(QUEIROZ:2004, p.108). Há uma reação de conformismo na fala de Chico Bento quando se refere a dar seu filho mais novo para adoção, conformismo este, que não é expresso no que se refere a esperança de sair daquele lugar para ir à procura de uma vida melhor fora dali, por isso solicita a sua comadre as passagens necessárias, já que não as adquiriria com o governo. “A senhora bem está vendo que eu não posso ficar

aqui, nesta desgraça... Serviço no Tauape quase não tem mais... Onde é que eu arranjo com que dar de comer aos filhos, se não for de esmola? (QUEIROZ: 2004, p. 113)

Chico Bento via aquele lugar como sendo sem expectativas de vida melhor e de fato o era. A única opção para ele, se continuasse ali, seria mendigar, pois a obra do Tauape já estava findando, como iria sobreviver só com a ração fornecida pelo governo? A única solução seria arribar dali.

Mesmo ao sair do “Curral dos Flagelados”, o homem ainda carregava consigo as experiências e idéias que lhes foram introjetadas no período em que viveu lá. Pois o objetivo do projeto “Campo de Concentração” era justamente esse, modificar o homem, de forma a aliená-lo. Era o controle dos ricos sobre os pobres. Portanto desvencilhar-se daquela realidade, por mais que o indivíduo saísse do campo, era muito difícil.

Era de tardinha. E quando Conceição saiu, ele ficou ali, imóvel, estirado no chão, fitando a miséria tumultuosa do Campo, que toda se agitava naquela hora de crepúsculo.

O sol poente se refletir vermelho nos trapos imundos e nos corpos descarnados.

Chico Bento olhava para o cenário habitual, mas já com o desinteresse, o despreendimento de um estrangeiro.

Um dia ou dois, e nunca mais veria aquela gente que vivia e formigava ao redor, chocalhando os ossos descobertos arrastando em exclamações a voz lamentosa. (QUEIROZ: 2004, p.116)

Chico Bento, apesar de ainda não ter saído daquela miséria, já conseguia enxergar o lugar como quem está do lado de fora e partilhou da mesma realidade.

Algo parecia ligar-lhe ao ambiente. Seriam as recordações do que viveu, embora, sendo uma vida de poucas alegrias? É preciso levar em conta as relações estabelecidas no lugar, as amizades, a afinidade que a pobreza, comum a todos, os levava a ter. “Seria possível que fossem saudades daquela miséria, daquele horror?” (QUEIROZ: 2004, p.117)

Apesar da precariedade dos campos, da miséria existente nele e outros fatores que a sociedade e o governo tentavam impor, às pessoas que lá estavam possuíam estratégias para driblar as suas realidades tão cruéis. “Quando os flagelados terminavam seus serviços, se reuniam e entoavam cantigas, faziam desafios e repentes. Tocavam instrumentos e dançavam. Como lembra o Sr. Francisco Lima: “a gente sempre dava um jeitinho de animar aquela vida difícil”.”(RIOS: 2006, p. 63)

## **VI – COMO VENCER A MISÉRIA**

Nos campos não havia opções de lazer. O que muitos daqueles homens e mulheres queriam era ao menos sobreviver à seca naquele lugar. Ter alimentação, por mais precária que fosse. Afinal, em tempos de estiagem não havia muitas escolhas para o homem do campo, senão esperar pelas esmolas do governo ou do povo e pelos milagres do céu.

No entanto, era preciso encarar a cruel realidade. Aos poucos, os concentrados criaram meios para burlar a desgraça na qual se encontravam. Realizavam jograis, corais infantis, entoavam cantigas e até repentes. Era uma forma de esquecer o mundo nefasto, no qual estavam inseridos, além do mais, se caracterizava como uma forma de

expressar seus sentimentos, ter voz, mesmo quando não era da vontade da sociedade lhes escutar.

Perto deles, o cego da viola cantava para seu auditório esmolambado; e a toada dolorida chegava de mistura com o hábito doentio do Campo:

No céu entra quem merece  
No mundo vale quem tem  
-----  
Eu como tenho vergonha  
Não peço nada a ninguém...  
Que me parece quem pede  
Ser escravo de quem tem... (QUEIROZ:2004, p.114)

Percebemos que, além de usarem os momentos de descontração para se expressar, os concentrados também se utilizavam destes para protestar contra aquela sociedade que os subjugaram àquelas miseráveis condições.

Além do mais, a própria cantiga entoada pelo cego ressalta a honra do trabalhador nordestino que se nega a pedir esmolas por considerar o ato indigno, partindo do pressuposto que aquele que pede deve submissão ao que dá o benefício. Na realidade o flagelado não queria apenas a ração, que deveria ser apenas paliativo para a seca, mal que assolava o Ceará no período, ele desejava trabalho.

Os momentos de descontração também serviam, com base na letra cantada pelo cego, como forma de reafirmar os valores do homem do campo, que mesmo naquela situação, ainda precisava trazer a memória traços de sua identidade. Ao integrar o “Curral dos Flagelados”, o sertanejo era descaracterizado, ou seja, suas crenças, criação, preferências, nada disso era levado em conta. Os retirantes tornavam-se nada além de números e somente através destes é que eram identificados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seca está para o Nordeste assim como o holocausto está para os judeus, pelo menos no número de mortos. O IOCS estima que cerca de dois milhões de pessoas tenham morrido em consequência das secas até 1915. A partir desse dado é possível perceber, pelo menos parcialmente, a dimensão da desgraça que os períodos de estiagem provocavam na região.

A idéia do campo de concentração surgiu em razão das graves consequências da seca na população cearense. Este modelo de política emergencial também foi utilizado em outros períodos como, por exemplo, em 1932. Além do campo na periferia de Fortaleza, o Campo do Urubu, no bairro do Pirambu, mais seis cidades tiveram campos instalados, aproveitando a proximidade com estações ferroviárias: Crato, Cariús, Ipu, Quixadá, Quixeramobim e Senador Pompeu.

É possível perceber através de estudos, que o campo de concentração, mais que um meio de livrar da miséria os retirantes que migravam para a capital, também desejavam isolar aqueles flagelados, limpando as ruas de Fortaleza. Naquela época, as pessoas já estavam vivenciando um período de valorização da estética da cidade. Além do mais, não era nada saudável que grupos de mulambentos vagassem por entre a população, já que muitos eram portadores de várias doenças, inclusive varíola e tifo,

moléstias que nessa fase acometeram inúmeras pessoas no estado, caracterizando-se como epidemia.

O próprio campo de concentração era um celeiro para a proliferação de vários tipos de doenças. Os retirantes que eram atraídos para lá com promessas de serem assistidos com alimentação, vestuário e remédios, quando adentravam o “Curral dos Flagelados” percebiam a miséria mais presentes em suas vidas.

A realidade desses pobres homens se agravava ainda mais, em virtude da corrupção por parte de órgãos responsáveis e dos políticos da época, que se aproveitando da triste realidade vivenciada pelos retirantes, embolsavam as verbas enviadas pelo governo. Além disso, ludibriavam os miseráveis com promessas infundadas em troca dos votos destes.

Ao analisarmos o panorama da seca de 1915 no Ceará, percebemos que muitos levaram vantagem com a situação de pobreza provocada pela escassez de recursos na região, movimentando a “indústria da seca”. Porém os que mais necessitavam da ajuda enviada pelo Estado, não usufruíram dos benefícios.

Diante de tudo que já foi mencionado, identificamos o campo de concentração como uma forma a mais de punir os vitimados da seca, já que neles não havia um planejamento que assegurasse ao indivíduo uma vida mais digna do que aquela em que viviam em arribada.

A obra “O Quinze”, tenta repassar para o leitor a descaracterização dos sujeitos acometidos pela escassez de recursos no “Curral do Governo”, utilizando a figura de Chico Bento e sua família como representação dessa realidade. Encara a seca como uma úlcera que pode até mesmo levar o indivíduo a morte, ou muito pior que isso, a um futuro indefinido.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, Kárita de Fátima. 1915: A SECA E O SERTÃO SOB O OLHAR DE RAQUEL DE QUEIROZ. Disponível em: <http://www.google.com.br>. Acesso em: 16/09/10.

NETO, Cicinato Ferreira. HISTORIADOR RELATA TRAGÉDIA NO SÉCULO XIX. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com>. Acesso em: 09/11/10.

NEVES, Frederico de Castro. GETÚLIO E A SECA: POLÍTICAS EMERGENCIAIS NA ERA VARGAS. Disponível em: <http://www.google.com.br>. Acesso em: 05/11/10.

QUEIROZ, Raquel de. O QUINZE. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

RIOS, Kênia Sousa. AO CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NO CEARÁ: Isolamento e poder na seca de 1932. 2 ed. Fortaleza: Museu do Ceará/ SECULT, 2006.

SALES, Iracema. AGRICULTORES APOSTAM NA CRENÇA POPULAR. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com>. Acesso em: 05/11/10.

